

## A PALAVRA BIBLIOTECA EM DIFERENTES CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS

### THE WORD LIBRARY IN DIFFERENT SITUATION PRODUCTION CONDITIONS

Natália Rodrigues da Silva\*

#### Resumo:

*Filiado à Análise de Discurso, o presente artigo tem como objetivo compreender o processo de produção de sentidos da palavra 'biblioteca'. Para isso, o corpus de análise é constituído por recortes da obra 'O nome da Rosa', de Umberto Eco, publicada em 1983, sendo ficção ambientada na Idade Média e popularizada por filme de Jean-Jacques Annaud, lançado em 1986. Também constitui o corpus de análise os recortes de artigos, da contemporaneidade, do advento Internet, que produzem novos sentidos para a palavra 'biblioteca'. Dessa forma, nossa análise se volta para o modo como palavra 'biblioteca', enquanto "depósito de livros", se atualiza em diferentes condições de produção de sentidos, na tensão entre o mesmo e o diferente.*

**Palavras-chave:** *Análise de Discurso; Bibliotecas; Idade Média.*

#### Abstract:

*Affiliated to Discourse Analysis, this article aims to understand the process of producing meanings of the word 'library'. For this, the corpus of analysis is constituted by cuts of the work 'The name of the Rose', of Umberto Eco, published in 1983, being fiction acclimated in Average Age and popularized by film of Jean-Jacques Annaud, released in 1986. The corpus of analysis the clippings of articles, contemporaneity, the advent of the Internet, which produce new meanings for the word 'library'. In this way, our analysis turns to the way the word 'library', as 'deposit of books', is updated in different conditions of sense production, in the tension between the same and the different.*

**Keywords:** Discourse Analysis; Libraries; Middle Ages.

---

\* Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS). Pós-graduada em Biblioteconomia pela Faculdade Internacional Signorelli (2013). Graduada em Biblioteconomia pelo Centro Universitário de Formiga (2012). É bibliotecária no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Campus Avançado de Carmo de Minas. e-mail: natalia.silva@ifsuldeminas.edu.br

## Introdução

Os sentidos de biblioteca, na história, significam de diferentes modos, desde que temos registros históricos sobre o que era denominado como as primeiras bibliotecas e atualmente com o desenvolvimento tecnológico.

Na Idade Média as bibliotecas tinham como principal característica a restrição ao acesso. Era somente o bibliotecário que tinha acesso à biblioteca e ao conhecimento ali guardado. Era ele também o único responsável pelo armazenamento e cuidados com o acervo. A biblioteca, antes considerada por muitos um “depósito de livros” Martins (2001), foi ressignificada e passou a ser determinada de sentidos de guardião do conhecimento para, posteriormente, uma organização propulsora do conhecimento. Dizer que a palavra biblioteca significa um “depósito de livros” é uma maneira de especificar biblioteca como restrita, em que o saber ali “guardado” é valioso para ter acesso público, ou ainda, que é necessário preservar (sem acessar ou utilizar) para a posteridade. As bibliotecas, desse modo, são determinadas pelos sentidos de restrição, onde poucos podem entrar e utilizar seus acervos. Assim, privilegiando-se os sentidos de guarda, a biblioteca é definida como de forma limitada, silenciando-se várias atividades de mediação que são realizadas e o uso do espaço biblioteca.

Os sentidos de/sobre bibliotecas enquanto “depósito de livros” ou “guardião” estão em circulação, determinando a palavra biblioteca como um espaço de depósito de materiais. Na sociedade contemporânea, marcada pelo uso das tecnologias, todavia, torna-se quase que impossível que apenas uma pessoa tenha acesso a uma biblioteca e ao conhecimento ali armazenado ou que as bibliotecas sejam “protegidas” por muralhas para impedir o acesso.

Da perspectiva teórico-analítica da Análise de Discurso, buscamos compreender como, então, os sentidos de proteção ao acesso do livro e, conseqüentemente, do conhecimento, na Idade Média, se inscrevem na discursividade da biblioteca, em um batimento entre memória e atualidade.

### 1. AS BIBLIOTECAS MEDIEVAIS

A palavra biblioteca tem sua origem do grego *biblíon* (livro) e *teke* (caixa, depósito), portanto um depósito de livros (MARTINS, 2001). As bibliotecas medievais,

conforme nos diz Morigi (2005), eram locais de armazenamento de livros, com precária recuperação e acesso.

Na Idade Média, o centro da vida social e econômica da população era a Igreja. A sociedade medieval era dividida em três estamentos: o clero, que retinha o monopólio do conhecimento, a nobreza e os militares que sofriam preconceito quanto ao gosto pela leitura, e a plebe que não tinha interesse por esta. É importante lembrar que mesmo a escrita existindo desde o fim da pré-história a tradição oral prevalecia no mundo ocidental. Nesse contexto, as bibliotecas estavam sob o comando do clero e eram de difícil acesso para a população que se conformava com sua condição, pois era educada através da tradição oral (MORIGI, 2005, n. p.).

A Igreja católica aparece como uma instituição que controlava o que a população poderia ou não saber. Conforme nos lembra Althusser (1985), a igreja pode ser entendida, nessa época, como uma instituição, que buscava dominar a população, controlando o que podia ou não circular, tentando assim moldar a sociedade da época.

Em outras palavras, a escola (mas também outras instituições do Estado, como a Igreja e outros aparelhos como o Exército) ensina o 'know-how' mas sob a forma de assegurar a submissão à ideologia dominante ou o domínio de sua 'prática'. Todos os agentes da produção, da exploração e da repressão, sem falar dos 'profissionais da ideologia' (Marx) devem de uma forma ou de outra estar 'imbuídos' desta ideologia para desempenhar 'consensualmente' suas tarefas, seja a de explorados (os operários), seja de exploradores (capitalistas), seja de auxiliares na exploração (os quadros), seja de grandes sacerdotes da ideologia dominante (seus 'funcionários') etc (ALTHUSSER, 1985, p. 58-59).

Althusser, em seus estudos, faz uma distinção entre o Aparelho Repressivo de Estado (ARE), que funciona pela repressão, pela violência (como as prisões, o exército, a polícia) - e podemos acrescentar a essa lista a igreja como um aparelho repressor, na Idade Média, como citado anteriormente - e O Aparelho Ideológico do Estado (AIE), que funciona pela ideologia (ALTHUSSER, 1985).

Conforme Mariani (1997, p. 34), "A ideologia [...] é um mecanismo imaginário através do qual coloca-se para o sujeito, conforme as posições sociais que ocupa, um dizer já dado, um sentido que lhe aparece como evidente, ie, natural para ele enunciar daquele lugar".

Pêcheux (1975), nos diz que, assim como não existe discurso sem sujeito, também não existe sujeito sem ideologia. A língua faz sentido porque o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia.

Orlandi ([1996] 2009, p. 45), reforça que “o fato de que não há sentido sem interpretação, atesta a presença da ideologia”.

De acordo com a autora

A ideologia é, pois, constitutiva da relação do mundo com a linguagem, ou melhor, ela é condição para essa relação. Não há relação termo-a-termo entre as coisas e a linguagem. São ordens diferentes, a do mundo e a da linguagem. Incompatíveis em suas naturezas próprias. A possibilidade mesma dessa relação se faz pela ideologia (ORLANDI, 1994, p. 56)

Para Pêcheux (1990, p. 259)

as formações ideológicas têm um caráter regional que elas se referem às mesmas “coisas” de modo diferente (Liberdade, Deus, a Justiça, etc.), e é porque as formações ideológicas têm um caráter de classe que elas se referem simultaneamente às mesmas “coisas”.

Há um imaginário de que as bibliotecas são um espaço de leitura, de consulta, de pesquisa, de difusão do conhecimento, mas nem sempre foi assim. Orlandi (2009, p. 40) diz que as formações imaginárias são “projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições do sujeito no discurso. Essa é a distinção entre lugar e posição.”

**Quadro 1** - Jogo de imagens

Expressão que designa as formações imaginárias	Significação da expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente
A { I <sub>A</sub> (A) I <sub>A</sub> (B)	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A	“Quem sou eu para lhe falar assim?”
	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A	“Quem é ele para que eu lhe fale assim?”
B { I <sub>B</sub> (B) I <sub>B</sub> (A)	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B	“Quem sou eu para que ele me fale assim?”
	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B	“Quem é ele para que me fale assim?”
A   I <sub>A</sub> (R)	“Ponto de vista de A sobre R”	“De que lhe falo assim?”
B   I <sub>B</sub> (R)	“Ponto de vista de B sobre R”	“De que ele me fala assim?”

**Fonte:** Pêcheux, ([1969] 2014, p. 82).

A partir do exposto podemos dizer que, as formações imaginárias, são na realidade projeções (imagens) que os interlocutores fazem de si mesmos, do outro e do objeto do discurso, e a imagem que o locutor pensa que interlocutor tem dele e a imagem que ele acha que o interlocutor tem do objeto do discurso. Assim sendo, esses conjuntos de imagens, ou seja, essas formações imaginárias estão presentes nos discursos.

Uma das características das bibliotecas da Idade Média é o acesso restrito, em que pouquíssimas pessoas tinham acesso ao conhecimento produzido. Segundo Martins (2002), a Idade Média contou com três tipos de bibliotecas: as Monacais, desenvolvidas dentro de mosteiros, as Particulares junto às Bizantinas e as Universitárias. Segundo Santos (2012, p. 183), a biblioteca nesse período “ainda era definida como uma guardiã dos livros e não como uma disseminadora da informação”.

Martins (2001) recorda que as bibliotecas não tinham inicialmente um caráter público, serviam apenas como um depósito de livros e que a arquitetura edifícios das bibliotecas impediam a saída do acervo. Nesse sentido, Paiva e Lopes (2008) salientam que as bibliotecas medievais tinham um caráter rígido e conservador. Nesse período a leitura também era restrita.

O livro era praticamente uma exclusividade da Igreja, todas as grandes abadias possuíam um *scriptorium*, onde eram confeccionados os manuscritos, desde a preparação do pergaminho até as ilustrações, que tinham fundamental importância, tanto como elemento decorativo como para representar graficamente os textos (NASCIMENTO; PINTO e VALE, 2013, p. 5).

A cópia (reprodução) dos livros era um dos deveres dos monges e essa tarefa era considerada um exercício espiritual.

Para manter esse *status quo*, empreendia-se um ambiente projetado para a reprodução dos documentos da época, envolvendo no *Scriptorium* uma equipe de profissionais na reprodução, de copistas a miniaturistas (ilustradores), de tradutores aos escribas, de autores aos leitores (BLATTMANN, 2006, p. 57, grifos do autor).

Observa-se que desde a antiguidade o homem busca um meio de armazenar o conhecimento que é produzido, com a finalidade de preservar e guardar a memória. Na perspectiva discursiva, segundo Orlandi (ibid., p.31), a memória “tem suas características, quando pensada em relação ao discurso”.

Em análise de discurso, a memória, também se aproxima com as noções de interdiscurso, dos já ditos, dos pré-construídos. A memória é também constituída de esquecimentos, silêncios e falhas.

Orlandi (ibid. p. 31) salienta que “o interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada”, pois o que já foi dito anteriormente produz efeito no discurso, na atualidade.

Para Orlandi (ibid, p. 29), a memória discursiva é o “[...] o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada palavra”. Nesse sentido, Pêcheux (2007, p. 42) afirma que:

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

A memória discursiva se atualiza por dizeres que afetam o sujeito em determinadas condições de produção do discurso. Para Pêcheux (1995), todo discurso se constitui a partir de uma memória e do esquecimento de outro. Assim sendo, a memória pode ser entendida como um conjunto de já ditos, que envolve conflitos e ressignificações. Um discurso é possível porque é sustentado por já ditos por meio da memória, tem em sua base outros dizeres.

## **2. (Re)lembrando “O Nome da Rosa”, de Umberto Eco**

A obra *O nome da rosa de Umberto Eco*, publicada em 1980, e adaptada para o cinema em 1986, se passa em um mosteiro franciscano, na Itália, em 1337. Na ficção suspeita-se que os monges desse mosteiro estejam cometendo heresias. Então, o frei Guilherme de Baskerville é enviado para investigar o caso, porém alguns assassinatos acontecem, mudando, assim, o objetivo da investigação do frei. O frei Guilherme de Baskerville, nutre o desejo de conhecer a biblioteca do mosteiro, que é famosa por suas traduções e seu rico acervo. O acesso à biblioteca, todavia, é restrito. Ao longo da história, Umberto Eco vai descrevendo com detalhes a biblioteca monástica e religiosa (ECO, 1983).

Para as análises das bibliotecas no período medieval, extraímos da narrativa de Umberto Eco, alguns recortes sobre o imaginário de biblioteca na Idade Média. Busquei recortar, então na obra, passagens onde a biblioteca tinha sentido de acesso restrito, onde as informações disponíveis estão ao alcance de pouquíssimas pessoas, o que é totalmente oposto ao sentido de biblioteca na atualidade, onde o acesso à informação e ao que é produzido é fundamental para a produção de pesquisas e visibilidade de pesquisadores/autores.

De acordo com Orlandi (1983, p. 36), o recorte refere-se a “uma unidade discursiva entendida como fragmentos correlacionados de linguagem e situação”. Para a autora cada texto é um conjunto de recortes discursivos que se entrecruzam e se dispersam; um recorte é um fragmento da situação discursiva e a análise empreendida efetua-se por meio de seleção dessas unidades extraídas do corpus, ou mesmo dos recortes, observando os objetivos da pesquisa (ibid).

A partir do exposto, apresento a seguir os recortes e suas respectivas análises.

**Recorte 1:** Para poder realizar a *obra imensa e santa que enriquece aquelas muralhas* - e apontou para a mole do Edifício, que se entrevia das janelas da *cela*, pontificando acima da própria igreja abacial -, *homens devotos trabalharam durante séculos, seguindo regras de ferro*. (ECO, 1983, p. 27, grifos nossos)

Nota-se que no Recorte 1, enfatiza-se que para a construção daquela biblioteca em seus moldes de proteção e formação de acervo foram necessários muitos anos e muitos homens que se dedicaram a cópia das obras. E que haviam regras rígidas que deviam ser seguidas pelos monges copistas. As muralhas produzem o sentido de um lugar impenetrável, seguro construído com o objetivo de proteger do ‘mundo exterior’ algo ou alguém.

Nesse recorte, temos também em funcionamento o discurso religioso, que é aquele que busca transmitir um ensinamento ou afirmar um “valor moral”, cujo funcionamento é marcado pela não-reversibilidade, constituindo-se como um discurso autoritário.

Temos nesse recorte, também, uma relação entre as artes mecânicas (manuais) que se opunha as artes liberais, na Idade Média. Conforme Dias (2012), as artes mecânicas eram atividades técnicas, como a medicina, a arquitetura, a olaria, a tecelagem, entre outras. Já as artes liberais, segundo a filósofa Chauí (2012), eram as setes artes liberais (gramática, retórica, lógica, aritmética, geometria, astronomia e

música), que eram a base do aprendizado nas escolas. Podemos atribuir o trabalho dos copistas a menção no recorte a “homens devotos trabalharam durante séculos”, que nesse caso, esse trabalho seria uma “arte mecânica”, pois o trabalho de cópia era uma atividade manual realizada pelos monges copistas.

### **Recorte 2:** Biblioteca é escrínio<sup>1</sup> (ibid, p. 27)

No Recorte 2, associa-se a biblioteca a um escrínio, ou seja, um cofre. Reforçando novamente a ideia de “proteção”, de guarda, onde poucos possuíam a “senha”, a chave ou autorização para o acesso à biblioteca.

Em *Ler o arquivo hoje*, Pêcheux ([1994] 2014) faz a distinção entre a cultura dos literatos e a cultura dos cientistas, sendo a primeira a dos historiadores, filósofos, pessoas de letras, e a segunda dos “fabricantes-utilizadores de instrumentos” (ibid, p. 64).

Pêcheux (ibid, p. 59) nos fala sobre as “práticas silenciosas da leitura” que pode ser entendida, no período da Idade Média, como o trabalho feito pelos monges copistas, uma atividade individual, solitária, realizada no *Scriptorium*. Pêcheux (ibid) ainda nos fala que na Idade Média houve uma divisão no clérigo onde alguns deles eram

[...] autorizados a ler, a falar e escrever em seus nomes (logo, portadores de uma leitura e de uma obra própria) e o conjunto de todos os outros, cujos gestos incansavelmente repetidos (de cópia, transcrição, extração, classificação, indexação, codificação, etc) constituem também uma leitura, mas uma leitura impondo ao sujeito-leitor seu apagamento atrás da instituição que o emprega o grande número de escrivães [sic], copistas, “contínuos”, particulares e públicos, constituiu-se através da Era Clássica até nossos dias, sobre esta renúncia a toda pretensão de ‘originalidade’, sobre esse apagamento na prática de uma leitura consagrada ao serviço de uma Igreja, de um rei, de um Estado, de uma empresa (ibid, p. 59-60, grifos do autor).

Pêcheux (ibid), ressalta ainda que, tradicionalmente, os literatos são os profissionais de leitura de arquivo e os cientistas seriam os fabricantes de novas tecnologias e sustentam as leituras dos literatos. O autor ainda reforça que essa divisão (entre o literário e o científico) mostra uma divisão do trabalho de leitura, nessa vertente diz que “a alguns o direito de produzir leituras originais, logo ‘interpretações’ a outros a tarefa de preparar e sustentar as interpretações ([1982] 1994, p. 58)”. Ao

---

<sup>1</sup> Pequeno armário ou cofre (PRIBERAM DICIONÁRIO, 2017).

falar sobre a cultura científica e literária o autor ressalta também que deste a Era Clássica duas culturas, a literária e a universitária (científica) se separaram e até ignoraram a existência da outra.

**Recorte 3:** *Só o bibliotecário* recebeu o seu segredo do bibliotecário que o precedeu, e comunica-o, ainda em vida, ao bibliotecário ajudante, de modo que a morte não o surpreenda *privando a comunidade daquele saber*. E os lábios de ambos estão selados pelo segredo. Só o bibliotecário, além de saber, tem o direito de se mover no labirinto dos livros, só ele sabe onde encontrá-los e onde repô-los, só ele é responsável pela sua conservação. (ibid, p. 27, grifos nossos)

**Recorte 4:** Os outros monges trabalham no scriptorium e podem conhecer o elenco dos volumes que a biblioteca encerra. Mas um elenco de títulos freqüentemente (sic.) diz muito pouco, só o bibliotecário sabe, pela colocação do volume, pelo grau da sua *inacessibilidade*, que tipo de *segredos*, de *verdades ou de mentiras o volume encerra*. Só ele decide como, quando e se o fornece ao monge que faz a sua requisição, por vezes depois de me [bibliotecário] ter consultado. (ibid, p. 27, grifos nossos).

No Recorte 3 e 4, a figura do bibliotecário aparece como o detentor do conhecimento. Onde somente esse poderia ter acesso à biblioteca. O bibliotecário é então responsável pela guarda e proteção das obras que ali existem. E que caberia a ele repassar o funcionamento da biblioteca e suas atividades para o bibliotecário, que viria a substituí-lo após sua morte não privando assim a comunidade de acessar as obras. Comunidade que nesse caso seriam os próprios monges do monastério, não o público que estava fora das muralhas do mosteiro.

No Recorte 4, temos também que havia uma censura no acesso à biblioteca pelos monges que faziam as transcrições das obras. Observa-se que alguns livros eram censurados também pelo conteúdo que abordavam. Ao dizer “pela colocação do volume, pelo grau da sua *inacessibilidade*, que tipo de *segredos*, de *verdades ou de mentiras o volume encerra*”, provavelmente havia uma separação das obras por seu conteúdo e que essas obras eram censuradas entre os próprios monges, ou seja, eles também não poderiam ler o seu conteúdo.

A série *Game of Thrones*<sup>2</sup> baseada na obra de George R. R. Martin, em sua sexta temporada, ilustra uma situação semelhante à da obra de Umberto Eco. Quando Sam (John Bradley-West) chega na biblioteca da Cidadela, onde a sabedoria de Westeros é

---

<sup>2</sup> Cena disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=8qJnYIx\\_jU](https://www.youtube.com/watch?v=8qJnYIx_jU). Acesso em: 04 dez. 2017.

guardada, fica maravilhado ao se deparar com aquela biblioteca, onde o acesso também é restrito a poucos. Na cena em questão observa-se que a biblioteca é imponente, com uma quantidade exorbitante de materiais (pergaminhos), em um espaço que parece ser impenetrável, observa-se também que os materiais da biblioteca estão presos a correntes.

**Recorte 5:** *O livro é criatura frágil, sofre a usura do tempo, teme os roedores, as intempéries, as mãos inábeis. Se durante centenas de anos qualquer um tivesse podido livremente tocar nos nossos códices, a maior parte deles já não existiria.* (ibid, p. 26, grifos nossos)

No Recorte 5, os livros durante o período da Idade Média, eram feitos em Pergaminho, o que atraía roedores e danificava diversas obras. O pergaminho foi um suporte de escrita que era resistente e também reciclável, sendo utilizado por cerca de mil anos como suporte para a escrita (MARTINS, 2001).

A invenção do pergaminho se deu por meio da rivalidade entre os centros culturais de Alexandria e Pérgamo que culminou na proibição, por parte dos Ptolomeus, da exportação do papiro para Pérgamo. Essa proibição à exportação tinha como objetivo enfraquecer o centro cultural de Pérgamo. Em razão desse embargo, os estudiosos de Pérgamo, tiveram que desenvolver uma técnica antiga de preparar o couro de animais para uso na escrita. O suporte ficou conhecido como pergaminho, em homenagem a cidade de Pérgamo.

Em uma passagem do recorte ao dizer “mãos inábeis” reforça o discurso que não era qualquer pessoa que estava apta a manusear um livro e que, somente os bibliotecários, eram considerados hábeis no manuseio destes. Reforçando, mais uma vez, o discurso de restrição à biblioteca.

### **3. (Re)descobrimo as bibliotecas na atualidade**

Na sociedade contemporânea, marcada pelo uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), as bibliotecas automatizaram seus acervos, disponibilizando-os *on-line*, facilitando, assim, o acesso.

Não podemos deixar de mencionar as mudanças ocasionadas pelo uso das TICs em bibliotecas, sem falar da *internet*, pois foi por meio dessa que houve grandes alterações na forma de tratar, armazenar e divulgar informações da maneira como é hoje nas bibliotecas.

Com a *internet* a biblioteca foi modificando-se com o passar dos anos. Antes, vista como um “depósito de livros”, a biblioteca, com os recursos digitais disponíveis, passa a não ter limitações de espaço físico e rompe com a barreira de espaço e tempo.

Na sociedade contemporânea, com uso das TICs, as bibliotecas automatizaram seus serviços, passaram a ofertar serviços como, o serviço de referência à distância (*on-line*), acesso a catálogos, bancos e bases de dados, entre outros. Os recursos das TICs possibilitaram que a biblioteca fosse ressignificada, ela não é mais vista como um “depósito de livros”, como na antiguidade, mas como uma organização propulsora do conhecimento.

O bibliotecário não é mais o “guardião de informações”, ele é um mediador no processo de busca por informações (MORIGI, 2005). Essa imagem do bibliotecário guardião foi de certa forma trabalhada na memória discursiva pelas instituições. Orlandi (1999) salienta que a memória institucional é a memória de arquivo, aquela que não esquece, produzida pelas Instituições como escolas, museus e eventos.

Até o processo de informatização, o conhecimento tinha como espaço legitimado na sociedade as bibliotecas. As informações eram reunidas em um espaço físico com o objetivo de atender a uma classe restrita de usuários, onde só era possível acessá-la localmente. Com a chegada dos computadores e das redes, os serviços tradicionais da biblioteca e sua organização passam a ser feitas de forma automatizada. Foi possível o acesso *on-line* aos acervos e uma ampliação nos serviços de recuperação e disseminação da informação.

Temos hoje em funcionamento uma memória metálica que conforme Dias ([200-?]), é marcada por movimentos de repetição, reprodução, e que esta é ligada ao armazenamento de dados no computador e, também, relaciona-se ao funcionamento das mídias, quantidade de informações disponíveis e sua reprodução.

Se na Idade Média – entre os séculos V e XV - as bibliotecas eram restritas, o século XXI é marcado pelo acesso e pela sociabilidade e, isso é possível principalmente, pelo uso da *Internet*. Mas vale lembrar que, ainda, há uma parcela da população que ainda não tem acesso às informações, pois não são todos que possuem acesso à *Internet*. O que de certa forma cria um novo modo de restrição ao conhecimento, pois, na contemporaneidade, as bibliotecas têm outras condições de produção.

Para Orlandi (ibid., p. 30) as condições de produção “compreendem os sujeitos e a situação”. Para a mesma autora as condições de produção implicam o que é material, o que é institucional e o mecanismo imaginário. O mecanismo imaginário

“produz imagens dos sujeitos, assim como o do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica (ibid, p. 40).

Mariani (1998, p. 25) ressalta que a ideologia é

[...] um mecanismo imaginário através do qual coloca-se para o sujeito, conforme as posições sociais que ocupa, um dizer já dado, um sentido que lhe aparece como evidente, ie, natural para ele enunciar daquele lugar.

Assim sendo, pode-se dizer que há uma naturalização dos sentidos para os sujeitos que enunciam um dizer.

Hoje, o paradigma que envolve as bibliotecas não é mais se ter a “posse do livro”, mas é preciso que estas tenham os instrumentos e meios necessários para promover e garantir o acesso às informações, mesmo que este não seja físico, o que consiste no novo paradigma das bibliotecas: o acesso.

A partir da questão do paradigma do acesso à informação não é mais relacionada unicamente com o livro, hoje ela está presente em variados suportes (periódicos, CDs, DVDs, *e-books*, plataformas digitais, *e-readers*, etc.).

Outro fator que podemos levantar é que, com a ressignificação do espaço biblioteca, o profissional bibliotecário, não é mais considerado um “guardião de livros”, mas um profissional mediador na busca por informações. Nesse sentido, Morigi (2006, n. p.), salienta que

Esta imagem do bibliotecário mascate, ambulante, sacoleiro que peregrinava entre as montanhas levando folhetos às comunidades distantes e isoladas foi apagada pelo esquecimento. Hoje, no alto das montanhas existem torres que enviam sinais de comunicação. Os lugares onde não existiam estradas circulam redes que interconectam as comunidades. E o bibliotecário que percorria o mundo e sabia os atalhos para levar a informação, contemporaneamente é impelido a buscar outros atalhos em redes e a ter um conhecimento mais especializado, capaz de desvendar a intimidade das trilhas que conectam os diferentes territórios intelectuais das diferentes disciplinas que fazem parte do conhecimento humano sem perder a visão da totalidade.

Não podemos deixar de falar também sobre a ressignificação do usuário da biblioteca. Nas antigas bibliotecas os usuários eram, em sua maioria, leitores que ficavam horas lendo livros, estudando dentro da biblioteca. Hoje, essa prática ainda existe, mas foi ressignificada. O usuário de biblioteca não é mais aquele que procura esse espaço somente para ler livros, hoje ele busca outros tipos de materiais, tais como, vídeos, imagens, periódicos, entre outros.

Outra mudança foi a relação usuário/bibliotecário. Na antiguidade, o contato com o bibliotecário era restrito, pois a biblioteca era também restrita. Atualmente, essa relação é menos rigorosa, justamente por ser um profissional mediador no processo de busca por informações, o bibliotecário deve conhecer seu público a fim de facilitar o caminho entre a informação e o usuário. Na antiguidade era necessário que o usuário se deslocasse à biblioteca para estabelecer contato com o bibliotecário, hoje esse contato pode ser estabelecido via *internet*, telefone, *e-mail*, assim sendo, o público usuário de uma biblioteca não se restringe somente ao espaço físico desta, mas a qualquer pessoa que disponha de um desses recursos poderá estabelecer contato com a biblioteca.

A partir do exposto, percebemos que mesmo sofrendo modificações, sendo ressignificada, a biblioteca ainda resiste ao tempo. Apesar de algumas pessoas relacionarem esse espaço a um “depósito de livros”, muitas outras a consideram uma organização propulsora do conhecimento. Sabemos que muitas outras mudanças impactarão o funcionamento e os serviços da biblioteca, principalmente no que se refere ao uso das tecnologias, ocasionando com que essa se ressignifique (mais uma vez) na história, adequando seus serviços e produtos ao novo contexto histórico em que estiver inserida, possibilitando que a biblioteca seja ainda mais valorizada e reconhecida pelo seu trabalho com o processamento e disseminação de informação e conhecimento.

### **Considerações finais**

As bibliotecas são organizações que, tradicionalmente, sofreram alterações, devido à mudanças de cunho social, cultural, político e/ou econômicas em razão do contexto histórico em que se inserem, por exemplo, como citado neste texto, as bibliotecas na Idade Média, eram marcadas por características de restrição, onde poucas pessoas podiam acessar seus acervos, hoje, com o uso das tecnologias, as bibliotecas estão inseridas em outro contexto histórico, onde o acesso é uma das características principais das bibliotecas. Vale ressaltar que essa mudança não aconteceu de forma rápida, mas após um longo processo que envolveu a história das bibliotecas.

A partir do exposto nesta pesquisa tivemos em um primeiro momento a biblioteca associada a um espaço que era chamado de “depósito de livros”, onde o bibliotecário (e somente ele) tinha acesso a esse espaço, sendo chamado de “guardião”.

Já com o uso das tecnologias no cotidiano das bibliotecas e dos bibliotecários, mostramos outro sentido atribuído à biblioteca. A tecnologia propiciou que a biblioteca fosse ressignificada, nesse novo contexto a biblioteca não é mais marcada pelos sentidos de “depósito”, “restrição”, mas de uma organização que propicia e facilita o acesso à informação. Mas, vale ressaltar que mesmo com essa ressignificação pelo uso das tecnologias, há ainda pessoas que associam a biblioteca a esses sentidos de restrição. Nesse contexto tecnológico, a biblioteca é ressignificada pelos sentidos de moderno e de garantia acesso, onde esse espaço é marcado pela disponibilização de informações, tendo o bibliotecário como seu mediador e disseminador nesse processo.

## Referências

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BLATTMANN, Úrsula. A Universidade do saber encontrado em bibliotecas: ontem, hoje e amanhã. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, p. 56-71, set. 2006. Número especial. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2029/2151>>. Acesso em: 05 nov. 2017.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2012.

DIAS, Cristiane. **Memória metálica**. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/endici/index.php?r=verbete/view&id=119>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

DIAS, Juciele Pereira. **Um gesto de interpretação na história do conhecimento linguístico brasileiro**: a definição do nome gramática. 2012. 257 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/3981/DIAS%2c%20JUCIELE%20PEIREIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 15 maio 2018.

ECO, Umberto. **O nome da Rosa**. São Paulo: Record, 1983.

MARIANI, Bethânia. **O PCB e a imprensa**: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan; Campinas: UNICAMP, 1998.

\_\_\_\_\_. Fundamentos teóricos da análise do discurso: a questão da produção de sentidos. **Caderno de Letras**, Niterói, v. 15, p. 33-46, 1997.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

MORIGI, Valdir José. Entre o passado e o presente: as visões de biblioteca no mundo contemporâneo, *Revista ACB*, v. 10, n. 2, 2005. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/432/551>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas, Ed. Pontes, 1983

\_\_\_\_\_. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em Aberto**, Brasília, ano 14, n. 61, jan./mar. 1994. Disponível em: <<http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/download/1943/1912>>. Acesso em: 07 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. Exterioridade e ideologia. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, n. 30, p. 27-33, Jan./Jun. 1996. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637037/4759>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, [1996] 2009.

\_\_\_\_\_. **Instituição, relatos e lendas: narratividade e individuação dos sujeitos**. Pouso Alegre: Univás: Campinas, 2016. Disponível em:

<<http://www.univas.edu.br/menu/biblioteca/docs/publication/Instituicao-Relatos-e-Lendas.pdf>>. Acesso em: 04 dez. 2017

PAIVA, Eliane Bezerra; LOPES, Maria Gorette. Biblioteca religiosa e biblioteca medieval: encontro em “O Nome da Rosa”, **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.18, n.1, p.159-169, jan./abr. 2008.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Unicamp, 1995.

\_\_\_\_\_. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: UNICAMP, [1975] 1997.

\_\_\_\_\_. O papel da memória. In: ACHARD, P. et al. **O papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. 4. ed. Campinas: Pontes, 2007.

\_\_\_\_\_. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HALK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, [1969] 2014.

\_\_\_\_\_. Delimitações inversões, deslocamentos. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n. 19. Campinas, IEL, Unicamp, 1990. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/1399/1645>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni (Org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. 4. ed. Campinas: Unicamp, [1994] 2014.

PRIBERAM Dicionário. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/escr%C3%Adnio>>. Acesso em: 04 dez. 2017

.....

Artigo submetido em: 23/07/2018

Artigo aceito em: 25/04/2019

SILVA, Natália Rodrigues. A palavra biblioteca em diferentes condições de produção de sentidos. **Revista DisSoL – Discurso, Sociedade e Linguagem.**, Pouso Alegre (MG), ano 5, nº 9, jan-jun/2019, - ISSN 2359-2192. Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), Universidade do Vale do Sapucaí. pp. 68-82. Disponível em: <http://revistadissol.univas.edu.br> DOI: <http://dx.doi.org/10.35501/dissol.vo19.446>